

"Novo pacote é insuficiente"

por Reginaldo Heller
do Rio

O presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), Ary Waddington, disse ontem acreditar que o montante de recursos externos negociados com a comunidade internacional de bancos, através do Fundo Monetário Internacional (FMI), da ordem de US\$ 6,5 bilhões, de um total de US\$ 11 bilhões, que incluem recursos de entidades governamentais e do Clube de Paris, é irrealista.

O País vai necessitar de mais recursos, pois as hipóteses básicas consideradas são extremamente otimistas, tais como o superávit comercial de US\$ 9 bilhões em 1984.

Waddington, que retornou no último domingo de Washington, confirmou, também, que pequenos e médios bancos regionais e bancos europeus, com reduzida presença no mercado brasileiro, deverão abandonar as negociações

para refinanciamento da dívida externa, preferindo contabilizar seus créditos inadimplentes como prejuízos e acionar a cobrança de praxe.

Ele criticou a postura imediatista de alguns bancos credores, lembrando que não se pode tratar um problema de ordem estrutural, como é o caso da dívida externa brasileira, com soluções de curto prazo. E, "se os bancos não confiam na política econômica, ao menos deveriam confiar no Brasil", disse ele.

Ele disse ter assistido a uma fuga de pequenos credores do rol das negociações, devido, exatamente, à forma como estas vinham sendo conduzidas, mas atribuiu ao presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, condições apreciáveis para estabelecer novas bases de entendimento com os credores.

Aliás, a Anbid elaborou um estudo alternativo para o acerto das contas externas e ajustamento interno

da economia que pretende levar à apreciação do governo. Neste estudo, conforme antecipou Waddington, será recomendada uma ampla renegociação da dívida externa, que vislumbra prazos mais condizentes com a realidade econômica brasileira, de até 20 anos para amortização da dívida, parcelamento dos juros e reativação da economia. Neste sentido, inclusive, contestou as declarações de William Rhodes, em publicação do Citibank, sobre os cursos do ajustamento. A realidade política e social brasileira não permite um ônus tão elevado, em termos de recessão.

Também o diretor do Banco Nacional, Genival Santos, que participou dos encontros com banqueiros nos Estados Unidos, afirmou a este jornal que a situação está, realmente, difícil, com uma hesitação crescente por parte dos banqueiros credores em tentar negociar uma solução para a dívida externa de longo prazo.